ANO 4.º—N.º 188. Guimarãis, 8 de Setembro-1935. O JORNAL DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO NO CONCELHO. Número avulso ...

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERÊSSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranense

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA ... DE CENSURA

Uma previsão alarmante

O Liceu ameaçado — Pobre Guimarãis!

A's primeiras horas da noite, na quinta-feira passada, arranha-nos o ouvido estrìdulamente, e logo nos sobressalta de forma constrangedora, uma notícia fulminante — o Liceu de Guimarãis, o nosso e muito nosso Liceu Central de Martins Sarmento, vai ser, está ameaçado de vir a ficar — e por quanto tempo incerto e efémero? — um simples Liceu Municipal, só com as três primeiras classes. Porque, diz-se, determinada Portaria manda assim reduzir os Liceus, cuja matrícula de alunos não atinja mencionada cifra. E, nessa medida, entra e é abrangido o nosso Liceu de Guimarãis.

Pode, na mais alta e independente ciência política — se é que o nome lhe cabe —, discutir-se e combater-se com argumentos poderosos e em muitos casos definitivos, o alcance moral e até mesmo económico de semelhante Portaria, resultado conseqüente da adoptada maneira como se instruíram as regras no exame de admissão aos liceus. Seja, porém, como fôr, ela, a Portaria, não podia nunca ferir-nos. Nunca. O Liceu de Guimarãis, cuja morte absoluta e total viria a seguir-se, foi instituído em Agôsto de 1890 por uma Lei, Lei votada nas duas casas do Parlamento, a Câmara dos Deputados e a Câmara dos Pares, como anexo à Colegiada de Guimarãis, então igualmente restaurada. Extinta a Colegiada, posteriormente, de facto, pois estava excepcionada singularmente na Lei da Separação, o Liceu continuou e à sua sustentação foram adjudicados dois têrços do rendimento da mesma Colegiada da Oliveira, em virtude da Lei n.º 341 de 2 de Agôsto de 1935, Lei aprovada nas duas casas do Parlamento, a Câmara dos Deputados e o Senado. Poucos anos depois, em virtude dos esforços do sàudoso Cónego José Maria Gomes, o Liceu era elevado a Central e ficou a ser, com rendimentos próprios — caso único entre nós —, o Liceu Central de Martins Sarmento. Finalmente a Lei n.º 1.178 de 5 de Junho de 1921 determinou que o Liceu Central de Martins Sarmento passaria a ser directamente administrado pelo Estado — revertendo a favor do mesmo Estado tôdas as receitas, que, até então, eram colhidas pela Câmara Municipal. Estas disposições foram confirmadas pelo Decreto-Regulamento número 7.553 de 18 de Julho de 1921. Esta Lei, foi como as anteriores, aprovada pelos legítimos representantes da Nação. O Liceu Central, desastradamente amputado — desastradamente porque logo daí adveio, como era lógico, a diminuïção da freqüência, pertence-nos integramente. E' nosso pelas Leis. E' nosso pelo dinheiro, com que o custeamos. Representa, de certo modo, um contrato bilateral entre a cidade de Guimarãis e o Estado. Nós demos dinheiro, que nos pertencia, e o Estado obrigou-se a sustentar o Liceu Central de Martins Sarmento. E' nosso ainda pelo direito de conquista — intelectual e moral —. Sim, pelo esfôrço de tantas gerações que fizeram de Guimarãis antiga a Guimarãis moderna. E' nosso pelo estadio de civilização e cultura a que chegamos. Temos direito a êle. Não abdicamos dêsse direito. As Portarias não revogam Leis.

Guimarãis, àlerta! Se reduzirem a Municipal o Liceu de Guimarãis, a cidade, o concelho, dentro de dois anos, ficam sem Liceu. Ficamos sem o Liceu e sem o dinheiro da Colegiada. Ficamos às escuras. Somos postos fora das possibilidades da instrução. Uma aldeia sertaneja e bárbara. Acordemos, agora, que por demais nos devemos envergonhar da nossa letal apatia. Damos o sinal de rebate. Aguardemos.

Repulsando a mentira

«A consciência — escreveu Baunard — é a voz íntima que nos adverte do bem, do mal e do próprio dever; julga de nossos actos e intenções e abre a execução da sentença com a primeira sanção da paz ou do remorso.»

Não cede à opinião, e deve-se-lhe atribuír tanto mais nobreza quanto menos o dever se meça pelos interêsses terrenos e quanto mais as acções se vejam apreciadas por tôdas as faces à luz da razão.

Só por isto bastaria que silêncio fôsse feito sôbre esta malfadada questão para que fomos impelidos. Porém, como a ignorância é de fácil credulidade e costuma divertir-se a registar o mal, cumpre-nos o dever de fugir à regra para dar plena satisfação ao público em geral e aos nossos leitores em particular. Por outro lado, como a vileza e a calúnia urdiram a sua trama de insídias, somos forçados a desmascará-las para que se não diga que o *Notícias* ou a gente que trabalha sem interêsse neste jornal, andam sujeitos a sugestões estranhas ou amesendaram-se com um lucro que nunca lhes sujou as mãos.

Posto isto, vamos passar a contar uma história, muito simples, mas que é profundamente verdadeira:

Quando se esboçou o conflito entre a C. A. da Câmara, desta cidade, e a firma concessionária da luz, recebemos do sr. dr. Mariano Felgueiras, e sob o pseudónimo de *Ignótus*, um artigo em que se fazia alusão ao caso em debate e se perfilhava a municipalização camarária.

Esse artigo foi publicado, não sem que o director dêste jornal, por sua **livre e única vontade**, mandasse retirar um período que lhe pareceu representar agravo e como seqüência da norma jornalística que a si mesmo tinha imposto. Dêste corte deu conhecimento ao autor, aduzidas várias explicações e renovado o seu desejo de o ver como assíduo colaborador do seu jornal.

Em 7 de Abril, um segundo artigo foi publicado, na íntegra, e com uma nota da redacção em que se aludia à anterior publicação de um outro artigo no diário lisbonense **"A Voz"**.

Em 25 do mesmo mês um terceiro artigo foi enviado à tipografia. Um dia depois, na presença de amigos comuns, foi-nos mostrada uma «carta das mais íntimas, dirigida a um amigo íntimo».

Nada percebendo da pretensão sugerida nessa carta e mais estranhando a atitude do seu signatário, para salvaguarda futura da nossa honra, enviamos para revisão o artigo composto, na esperança de que nos seriam expressos os desejos do nosso colaborador, a um tempo que remetiamos, igualmente, uma outra prova ao sr. dr. Domingos Pereira, por instância e pedido duma das partes interessadas, com conhecimento pleno de que êsse artigo seria publicado, desde que de Lisboa nos exigissem a sua inserção nas colunas do nosso jornal. Decorridos dias uma nova carta nos foi apresentada e pela qual se solicitava a suspensão do artigo *até novas ordens*.

O tempo rodou três mêses.

Subiu o nosso espanto quando o *Jornal de Notícias*, do Pôrto, o publicava com uma extensa nota do autor, dizendo que «em vão» esperara a publicação do seu artigo sôbre a luz.

Tão *inofensivo* nos pareceu o dito «em vão» que logo adivinhamos a tempestade que se iria desencadear, desde que fizessemos reparo a quem **durante três mêses se conservou calado**, renegando aquela consideração e «carinhosa simpatia» que dizia tributar-nos.

O resto já é sabido e do domínio público. Não fomos nós os principais culpados desta questiúncula, provocada e disputada à porfia, pois dada a nossa condição de simples empregado de escritório, nunca por nunca tivemos a audácia, a pretensão estulta, de nos considerarmos homens de negócios... por grôsso.

Subiu de ponto a desconfiança que sôbre nós impendia e tornava-se necessário dizer ao público que nada tínhamos com os negócios das partes litigantes, ressalvada a *chantage* que não nos interessava.

Mas como a carapuça só a enterra quem quere, daí para cá é o que se tem visto, assestadas para nós tôdas as peças da acusação. E que acusações, valha-nos S. Roque!

De tôdas elas, nem uma só é consistente, sólida, capaz.

No nosso último número fizemos referência às cavilosas insídias postas a correr mundo por línguas viperinas. Cochichou-se que recebíamos proventos de um dos concessionários da luz e que voluntàriamente lhe demos conhecimento dos artigos enviados por *Ignotus*.

Eis o desmentido formal:

Guimarãis, 30 de Agôsto de 1935.

Ex.mo Sr. Bernardino Jordão
Nesta

Ex.mo Sr.

Sendo acusado numa carta do sr. dr. Mariano Felgueiras, de ter revelado a V. Ex.ª o nome do pseudónimo *Ignotus* e bem assim de lhe mostrar os originais dos artigos publicados no «Notícias de Guimarãis» nos n.os 157, de 3 de Fevereiro e 166, de 7 de Abril, sôbre «Luz Pública», e sabendo que se diz por aí à bôca pequena, que V. Ex.ª tem subsidiado por qualquer meio o meu jornal, venho rogar-lhe o favor de me dizer se há nestas atoardas alguma veracidade, o que desde já muito agradeço.

Sem outro assunto creia-me com muita estima e consideração

De V. Ex.ª
Att.º Venr. e Obrg.

Antonino Dias Pinto de Castro.

(Segue-se o reconhecimento).

Guimarãis, 31-Agôsto-1935.

Meu prezado amigo:

Acuso a recepção da sua carta de 30 do corrente e apresso-me a responder às suas preguntas, com tôda a lealdade e sem receio de desmentido.

1.º Não foi por seu intermédio que me foi dado saber o nome da pessoa que se encobria sob o pseudónimo de *Ignótus*, como colaborador do «Notícias de Guimarãis».

2.º E' cavilosa insídia a acusação que lhe fazem de me ter dado conhecimento dos artigos publicados sôbre «Luz Pública», mostrando-me os seus originais ou sugeitando-se, como por aí corre, a sugestões minhas.

3.º Nunca por qualquer meio subsidiei o seu jornal ou lhe fiz, sequer, qualquer empréstimo.

Reservando-lhe o direito de fazer desta carta o uso que entender, e sem outro assunto creia-me com muita estima e consideração

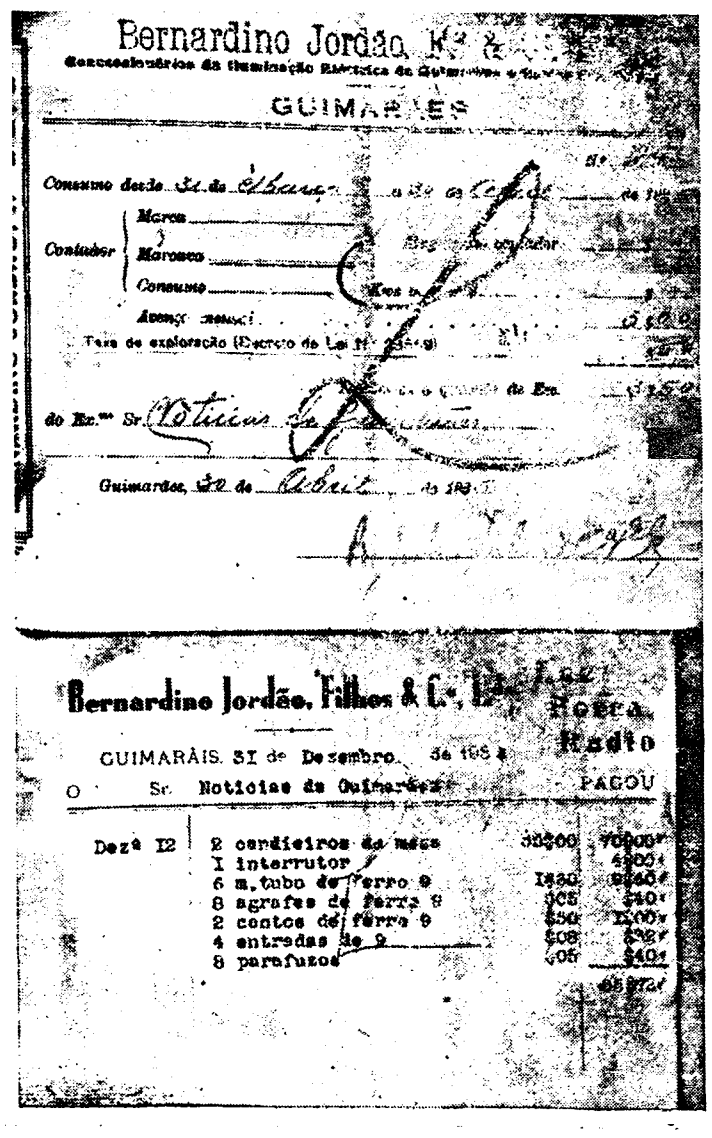
Amigo Att.º e Venr.

Bernardino Jordão.

(Segue-se o reconhecimento).

— Que não pagamos instalações de fornecimento de luz eléctrica.

Seguem os documentos fotografados:


Bernardino Jordão, Filhos & C.ª, L.da
GUIMARÃES
Consumo desde ... de Abril ...
Contador: Marca ... Marcação ... Consumo ...
Taxa de exploração (Decreto de Lei n.º ...)
do Ex.mo Sr. Notícias de Guimarães
Guimarães, 30 de Abril de 193...

Bernardino Jordão, Filhos & C.ª, L.da
Agência Radio
GUIMARÃIS, 31 de Dezembro de 193...
O Sr. Notícias de Guimarães
PAGOU
Dez.ª 12
2 condutores da mesa 30$00 70$00
1 interrutor 4$00
6 m. tubo de ferro 9 1$30 8$40
8 agrafes de ferro 9 $05 $40
2 contos de ferro 9 $50 1$00
4 entradas de 9 $08 $32
8 parafusos $05 $40
45$72

Saibam quantos...

Do nosso prezado colaborador e amigo, sr. Luís Filipe Coelho, recebemos a seguinte carta que, na publicidade, representará mais um sacalão pregado nas bochechas da calúnia e da vileza.

Meu caro Antonino:

V. sabe que «o êrro dum momento pode tornar-se o tormento de tôda a vida» e que *mais vale a má palavra, que espada afiada*. Também não desconhece que deixar correr a língua adiante do pensamento pode dar origem à maledicência e caír no mais infame dos vícios, supondo a existência duma alma baixa e vil.

Pois bem: aos meus ouvidos chegou a nova de que venho sendo o seu braço-direito nessa malfadada e enjoativa questão em que V. se vê envolvido, insinuando-se o despropósito de ser eu um dos felizes *contemplados* do saborido dinheiro do sr. Bernardino Jordão, — *shocking!* — aprovisionadas as algibeiras com Esc. 300$00 mensais e não sei se recheadas também com alguns dos cincoenta contos que dizem ter V. recebido.

Sempre julguei que Préault exagerasse ao afirmar que no vasto campo da intriga é necessário tudo, ainda mesmo a vaidade dos tolos.

Mas, como não há melhor além da honra, decidi-me a desfiar a meada como abaixo fica dito:

Guimarãis, 4 de Setembro de 1935.

Meu caro Chico Correia:

Tendo sido informado de que V. reproduziu a alguém uma insídia feita sôbre a minha pessoa pela bôca de um ou dois cavalheiros que menosprezam a honra alheia, venho apelar para a sua nunca desmentida lealdade para que me revele o nome daquele ou daqueles que se permitiram brindar-me com o dichote seguinte: «O Filipe Coelho recebe 300$00 mensais do Jordão para lhe fazer o frete de escrever no «Notícias».

Ora, como nunca fiz fretes, espero da nossa velha amizade o favor de me dizer o nome ou nomes dos caluniadores.

Creia-me amigo certo e obrigado

Luís Filipe Gonçalves Coelho.

(Segue-se o reconhecimento).

Pessoalmente e com tôda a solicitude, o sr. Francisco da Silva Correia mostrou-se dum carácter inconcusso quando revelou o nome do sr. dr. Florêncio Lôbo como a pessoa capaz de procurar a ponta enredada. No dia seguinte, com o registo n.º 25.244, foi enviada àquele sr., ausente na Póvoa de Varzim, a seguinte carta:

Guimarãis, 5 de Setembro de 1935.

Ex.mo Sr. Dr. Florêncio Lobo:

Informado pelo meu Amigo, Francisco da Silva Correia, de que V. Ex.ª se arrojou ao direito de afirmar que recebo do sr. Bernardino Jordão a quantia de Esc. 300$00 mensais para remuneração do frete que lhe venho fazendo no «Notícias de Guimarãis» — Questão da Luz —, e, desconhecendo o fundamento com que se permitiu lançar tal insídia, uma vez que me encontro à margem da discussão, exijo que V. Ex.ª concretize a acusação feita para usar dos meus direitos e inteirar-me da sua verdade.

Aguardo resposta pelo espaço de 3 dias, reservando-me ao direito de fazer desta carta o uso que entender.

Guimarãis,
Rua de Paio Galvão.

Luís Filipe Coelho.

Recebi a carta seguinte:

Póvoa de Varzim, 6 de Setembro de 1935.

Il.mo Sr. Luiz Filipe Coelho:

Foi verdade ter dito ao Sr. Francisco da Silva Correia, que se dizia que V. S.ª recebia mensalmente do Sr. Bernardino Jordão uma quantia — 200$00 ou 300$00 — como remoneração dos serviços que lhe prestava no «Noticias de Guimarães». Disse mais, que me interessava saber se era ou não verdade, e se o fosse,

imediatamente o divulgaria num artigo a publicar em qualquer jornal. Um amigo prometeu, a meu pedido, averiguar a veracidade do facto. Lamento que o Sr. Correia extemporaneamente desse o Alerta, dificultando assim a descoberta da verdade, porque se algum fundamento tinha ou tem o que a meus ouvidos chegou, já agora, depois da prevenção, difícil será saber-se a verdade. Quanto a V. S.ª afirmar que se encontra á margem da discussão (questão da luz) poderá ser assim, ou ser modéstia. Afirma-se, porém, aí pela cidade, que o autor de tais escritos é V. S.ª, e difícil será convencer o público do contrário. Já a várias pessoas ouvi: «O pobre do Antonino paga com as culpas e Fulano (V. S.ª) de palanque e risonhamente gosa o efeito do que escreve» Sic. Entre as afirmações que fazem os que lhe imputam a autoria de tais escritos, há o estilo e certas frazes que V. S.ª emprega até mesmo em simples conversas. Respondo á carta de V. S.ª não pela sua atitude de exigência, e menos ainda pela ameaça de «Usar dos seus direitos», mas simplesmente pelo respeito á verdade e pelo que a mim mesmo devo. Reservo o direito de fazer desta carta o uso que entender.

Florencio Lobo.

Em face de tal resposta, a coragem moral fica a perder de vista, entrando-se no «consta», que é a arma e defesa dos caluniadores. De resto, V., Antonino, dirá a última palavra sôbre a minha intervenção na *questão da Luz*.

Disponha sempre do

Amigo Certo

Luís Filipe Gonçalves Coelho.

N. R. — Êste último documento chegou-nos às mãos já quando o jornal ia a entrar na máquina.

Por tal motivo a *última palavra* não pode ser dita hoje.

Sentimos a necessidade de desmascarar os nossos caluniadores. Ficará pois, para a semana.

Antonino Dias de Castro.

Lêde e assinai o «Notícias de Guimarãis»

Balada duma triste mãi para adormecer o filhinho

Dorme, dorme, meu filhinho,
Que a mãisinha aquece o leito...
Não chores, vá, caladinho,
Pousa a carinha em meu peito...

Negro papão,
Feio, a olhar
Pra ti, sem dó!...
Cruzes! figas! seu ladrão!
O menino está a nanar
Caladinho, pois então!
— Ó, ó, ó, ó... —

Dorme, dorme, meu menino,
Que a noite já vai em meio...
Doze pancadas o sino
No seu bronze deu em cheio.

Tu, vai-te embora,
Feio papão,
Desfaz-te em pó...
O menino já não chora,
Já se calou, pois então!...
Ó papão, daqui pra fóra!...
— Ó, ó, ó, ó... —

Ó papão, daqui pra fóra,
Vai correr outros caminhos...
Olha que o menino, agora,
Já fechou os seus olhinhos.

Vai-te embora, tem paciência,
Pra susto basta o que teve...
Deixa dormir a inocência
No seu sôno brando e leve.

Ai, quem pudera dormir
Como êste filho adorado!
Eternamente a sorrir
Num sonho lindo e doirado!

Ai, quem pudera sonhar
Os encantos e anseios,
Como êle, quando a mamar
Nos biquinhos dos meus seios!

Setembro de 1935.

DELFIM DE GUIMARÃIS.

Anunciai no NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Até que enfim!

Os postes de sinalização foram-se abaixo... das pernas!

Deixou Guimarãis de ser um cemitério e, outrosim, de se apresentar aos olhos dos turistas como encruzilhada de caminho vicinal.

Ora, ainda bem.

Guimarãis ainda não é terra... de pretos.

Dr. Bento Carqueja

Missa por alma do saüdoso Director de «O Comércio do Pôrto.

Foi revestida de grande imponência, como aliás era de esperar, a homenagem fúnebre prestada no templo de N. S. da Oliveira, na segunda-feira passada, à memória do eminente economista e saüdoso director de

«O Comércio do Pôrto», sr. Dr. Bento Carqueja. A ela se associaram pessoas de tôdas as camadas sociais, muitas senhoras, vestindo luto, colectividades, jornalistas, etc.

Celebrou a missa de «Requiem» Monsenhor João António Ribeiro, arcipreste, finda a qual foi cantado o «Liberame», com acompanhamento de «harmonium», pelo sr. Francisco Correia Lopes.

Entre outras pessoas lembra-nos ter visto os srs.:

Dr. João Augusto Aires de Azevedo, Dr. José Sebastião de Menezes, Dr. Alfredo Peixoto, Dr. José Maria de Castro Ferreira, Dr. Luís Ribeiro Martins da Costa, Dr. Adelino Ribeiro Jorge, Comandante João de Paiva Faria Leite Brandão, Alberto Costa, António José Pereira de Lima, Francisco Ribeiro Martins da Costa, José Luís de Pina, José Pinheiro, José da Silva Guimarãis, Domingos Martins Fernandes, Amadeu da Costa Carvalho, Francisco Inácio da Cunha Guimarãis, Jaime da Cunha Guimarãis, José Gilberto Pereira, João Garcia de Almeida Guimarãis, João Felgueiras Cardoso de Menezes, António Pinto Leite, rev. Domingos Costa, rev. Luís Gonzaga da Fonseca, Manuel Martins Fernandes, Tenente Mário Pinheiro, José António de Castro, Joaquim de Azevedo, Manuel da Costa Pedrosa, Jaime Sampaio, José da Fonseca, Alfredo Guimarãis, João António da Silva Guimarãis, António Sampaio, António de Sousa Guise, José Fernandes, João do Couto Garcia, Joaquim do Couto Garcia, Raúl Rocha, João Rodrigues Loureiro, Gaspar Ferreira Paúl, José Avelino Ferreira, José Fernandes da Silva Correia, Sargento Victor, José Teixeira, Manuel Gonçalves, Francisco Antunes da Cunha, Albano Assis de Sousa, José Antunes, José Maria Felix, Francisco Correia Lopes, João de Deus Pereira, Joaquim José Novais, António Zeferino Pereira da Costa, Simão Costa, Joaquim de Oliveira Machado, Jacinto José Ribeiro, Jerónimo Sampaio, António Alves Ribeiro Gomes de Abreu, P.e José Carlos Simões de Almeida, António Augusto da Silva Carneiro, etc, etc.

Estavam representadas as seguintes entidades:

Câmara, administrador do concelho, juíz de direito, director do Museu Alberto Sampaio, comandante militar, idem da G. R., direcção da Associação Comercial, Sociedade M. Sormento, Empregados do Comércio, Comissão de Turismo, corporações religiosas, e jornais: «Comércio do Pôrto», «Primeiro de Janeiro», «Jornal de Notícias», «Século», «Comércio de Guimarãis» e «Notícias de Guimarãis; Internato Municipal, Liceu de Martins Sarmento, comandante dos Bombeiros Voluntários de Guimarãis, Casa dos Pobres, clero, Escola Industrial e Comercial, etc.

*

A bandeira da Associação Comercial esteve a meia haste, em sinal de sentimento.

*

O «Notícias de Guimarãis» fêz-se representar pelo seu director nas homenagens fúnebres.

FERNANDO AIRES
ADVOGADO
R. República - GUIMARÃES

Prédio Vende-se um prédio de 2 andares, sito na Rua D. João I, n.º 125. Para informações dirigir se a Manuel Dias Pereira, Rua Dr. José Sampaio — Guimarãis.

Maquiavel, o Estado e os homens

As leis da evolução e a teoria do poder

II

Continuemos pois esta linha geral de considerações àcêrca do maquiavelismo, fugindo o mais possível a qualquer influência de pura ordem política a-fim-de nos relacionarmos única e exclusivamente com os fenómenos que se vão desenvolvendo no mundo social.

Antes, porém, foquemos ou melhor classifiquemos os conceitos maquiavelescos para mais concretamente arrancarmos as nossas deduções. Vemos que, connosco, outras pessoas — aliás eminentes — se opõem à designação de sistema filosófico àquilo que o singular pensador italiano escreveu. Maquiavel teria alinhavado, na sua época e em face de determinadas realidades do seu tempo, uma série de conceitos sinceramente profundos e audaciosos no que diz respeito à concepção política que devem fazer todos aqueles que, de qualquer forma, se encontraram na missão de conduzir os povos. Assim, o maquiavelismo é com mais propriedade um *método* e perde, nestas circunstâncias, todo o prestígio e estabilidade que lhe poderíamos supor relativamente ao tempo e à evolução da humanidade. Se é certo que muitos temas filosóficos requerem a sua lógica dedução por virtude dos pontos de contacto que se lhes observa, não é verdade também que, uns e outros, se ajustem de acôrdo com tôdas as circunstâncias ou, pelo menos, na sua inteira substância. Um *método* aplica-se em função de determinados limites: são êsses limites que criam êsse *método*. Todo o método, portanto, varia em função de valores que se coordenam.

Isto pode transpôr-se às realidades sociais que têm os seus respectivos índices.

Ora a vida social de há 4 séculos não é a mesma que a de hoje; todavia...

— Mas é o homem... poder-se-á retorquir...

Pode-se discordar; todavia, admitamos a verdade de tal tese: o homem é sempre o mesmo; a sua natureza é sempre a mesma, o homem de Maquiavel, interesseiro, leviano, mau, volúvel, ingrato, egoista e mentiroso é eterno: e é êste o *material* que revolve o mundo. Sendo assim, o «super-homem» do seu *outro* afim (Nietche) não existe: êle representa apenas uma ansiedade do próprio homem que êle não atinge nem sequer assimptoticamente. E' um energidio da sua inquietação e até, por uma transcendência de certa lógica, implicaria com uma necessidade ou tendência religiosa que faria parte do seu espírito. O próprio Maquiavel, a-pesar-da sua visão das realidades, do conhecimento delas para além de tôdas as sugestões, mas aferidas por uma *medida* e por um *toque* como absolutamente dominadas por uma intuïção psicológica refinadíssima, não nega, quer por fenómeno de subjectivismo, quer por poder objectivista, a sua própria natureza.

(Êle não teria a audácia ou a imprudência de se deïficar); e isso mesmo contrariaria os seus corolários. Os homens seriam, na sua natureza fundamental, os mesmos, arrastando-se psicològicamente para os mesmos limites. Sem correcção, sem rectificação, livres no seu esfôrço e no seu pensamento, desordenados nos seus ímpetos, sem limite nas suas ambições, os homens teriam sido absolutamente péssimos. As sociedades teriam sido construídas sôbre crimes; as *Pátrias* representariam o mais eloqüente e patético símbolo de *vandalismo*. Se, necessàriamente, o único *contrôle* se poderia realizar no conjunto dos homens — limitando-se o egoísmo e a ambição de cada um no conflito de egoísmos e ambições de todos — ao mais *forte* sobretudo, e também mais *hábil*, caberia o domínio que começava a defenir *poder*. E o poder teria que ser, lògicamente, *poder pessoal*. Aquele que, portanto, o tivesse conquistado ou — como também é previsto — por qualquer outra forma êle lhe tivesse ido parar às mãos deveria recorrer às exigências duma lei psicológica que, em si próprio, se faria ressentir; de maneira que os outros homens, destinados a obedecer, não poderiam visionar quaisquer fronteiras morais onde se definissem os seus direitos por mais legítimos e fundamentais que fôssem. No poder pessoal tudo terminava. Uma vida impunha-se às outras vidas, uma consciência às outras consciências. E, se nesse conflito de homens péssimos, o mais forte e o mais hábil teria o domínio, lògicamente se concluiria que êsse, pela natureza das coisas e dos acontecimentos, seria sem dúvida o pior de todos. O poder pessoal tornar-se-ia perigosíssimo: êle viveria paredes-meias com tôdas as surprêsas por mais crueis que fôssem.

Ora, na verdade, a história — que, todavia, porque escrita pelo homem é caracterizada por um mundo de *reacções* vivas e naturais próprias dêle — estabelece nìtidamente as fases sociais por que tem passado a humanidade. E alguma sabedoria delá se pode colher.

A' face social da *conquista*, os homens de mentalidade essencialmente guerreira estão para o *chefe* como o poder pessoal está para as realidades. E' a fase em que o homem busca o mundo — seja qual fôr o ciclo da humanidade — em que procura conquistá-lo, à base de uma economia primária, função de riquezas também primárias.

Este drama social do homem — de expansão, conquista, domínio, aventura mesmo — não se restringe nem tão pouco é singular. O seu drama — o seu drama pròpriamente dito — produto da sua inquietação, alegria ou tristeza, contentamento ou descontentamento, ambição e glória, vaidade e amor ou até reacção colectiva de sentimentos, mostra-nos como o homem vai corrigindo, ordenando, reagindo de acôrdo com as realidades é certo, mas com vantagem também nos seus próprios sentimentos, influenciados por uma consciência que naturalmente se lhe vai formando. Quere dizer: êsse drama existe também; êsse drama desenvolve-se em face da sua ascenção ou decadência do momento, em relação ao *seu* agregado social e reflecte-se totalmente no *poder*.

— E que observamos nós?

Quer tenhamos em conta a mentalidade do homem, as suas necessidades, o meridiano da sua evolução ou o ritmo por que esta se faz, todo o poder pessoal, embora produto das respectivas realidades e proporcional às suas exigências, tende sempre e fatalmente a tornar-se intolerável e insuportável. Verifica-se até, para fortalecer mais a regra, que êle passa, sem catástrofe, para as mãos de outro homem, se êste não se lhe corresponde por uma semelhança demasiado nítida.

(Mussolini — conquanto nos tempos de hoje — disse a E. Luwig que o povo italiano não suportaria um 2.º Duce.

Do contrário, o arrancamento dêsse poder pessoal — embora para uma mutação que assenta no mesmo fundamento ou lei — é uma norma de reacção de indivíduo ou indivíduos que se tornam implacáveis. Dir-se-ia que nada existe de abstracto, ou de quimérico na multidão: mas de muito concreto, pelo contrário, porque é essencialmente intuïtivo... (soberania que não é possível inverter...)

Portanto: o poder pessoal corresponde apenas a um ímpeto para logo ser destruído ou transformar-se num outro poder pessoal que reprasenta em si próprio um fenómeno de correcção e uma negação de sistema. Mas, paralelamente, a humanidade na sua evolução natural, rodeando-se de conhecimentos e tendendo, por circunstâncias várias, a desprender-se de um ciclo histórico, vai acondicionando e conjugando regras ou normas que são necessárias à sua maneira de viver, marcando como idades certas épocas da humaninade em que altos e distintos fenómenos da vida social sobressaem pelas conseqüências de certo modo revolucionárias que infligem na evolução daquela.

Ora essas *idades* da Humanidade explicam-nos admiràvelmente a razão porque a política, nos seus métodos, tem necessàriamente de modificar-se ou porque se empregam uns e outros à medida que o homem vai topando com os acontecimentos. Essa explicação, aliás de tão fácil entendimento, revela-nos de facto fenómenos sociais de uma importância capital. E' assim que, de acôrdo com êles, nós ficamos a conhecer e a meditar sôbre os métodos ensaiados. Não podemos, de nenhum modo, subtrair a nossa inteligência a um conhecimento que se nos impõe e, quási sempre, revelador, se não de uma catástrofe, pelo menos duma mudança de base sôbre que assentavam autênticas sociedades organizadas. Por isso, nós insistimos especialmente no avivamento de certos conceitos maquiavélicos, para verificarmos através as suas causas o valor específico de uma ordem de coisas que nos surpreende.

Maquiavel, deduzindo nós da evolução, foi um objetivista, admiràvelmente concernente às realidades da sua época que nós compreendemos perfeitamente. O seu método é um símbolo na verdade. Tem sobretudo um valor histórico — padrão de uma *idade* que, embora necessária e fatal, nos aflige ao visioná-la. Maquiavel teria sido inútil na indicação ao seu «Principe» da maneira de libertar a Itália ou a intenção de ensinar a todos os príncipes como deveriam portar-se no poder para o conservar. Necessàriamente que todos se teriam portado daquela maneira, em maior ou menor grau, porque a sua conduta no poder era essencialmente instintiva pois era de conquista, de luta, de guerra, de aventura. Os príncipes que perderam o poder estão na lógica da natureza do homem, das multidões, das circunstâncias do momento revelando aos séculos a evolução da humanidade. Pode-se dizer que todo o homem detendo o poder pessoal o perde irremediàvelmente.

A teoria do poder é sempre cruel; mas nesse tempo tinha sobretudo foros de aventura que Maquiavel procurou teorizar num método que, hoje para nós, melhor que a própria história, nos indica a dolorosa evolução duma sociedade calcurriando o futuro. Maquiavel, de objectivista que é, torna-se com bastante razão mais num foco iluminando-nos a senda dos povos do seu tempo, do que pròpriamente num método ou cartilha política. A análise crítica da história feita por êle para, com exemplos, tornar mais flagrantes e evidentes as razões que o levaram àquelas máximas audaciosas e libertas de todos os preconceitos, se fortalece de facto o seu pensamento, muito melhor ainda nos revela a relação do homem com o seu tempo assim como nos previne contra o sentido evolutivo da humanidade.

A sua concepção dos homens nega a ideia de sistematização do poder pessoal; o seu agudo objectivismo determina-nos uma lei de evolução; a sua sabedoria esclarece nos admiràvelmente a relação que existe entre o homem e o instante de vida social para podermos verificar que, dados certos fenómenos que se assemelham em duas ou três épocas, não é difícil explicar o rumo para que se inclinam os povos pelas suas necessidades espirituais e económicas, estudando os planos em que se orientam a sua economia e a sua própria arte, nas suas reacções constantes e vivas, paradoxais por vezes, mas eloqüentes sempre!

Ora, feitas estas considerações que seriam, de certo modo, necessárias, nós verificamos que Maquiavel, nos seus conceitos, se apresenta ao nosso espírito como o símbolo de uma idade histórica cujo *meio*, circunstâncias e formação nos revelam o carácter de uma civilização que hoje podemos fàcilmente definir em face das leis da evolução social. Mas se dêsse tempo nos é possível coordenar os factos ou agentes que nos indicam essa idade histórica, é curioso e necessário, para o nosso estudo, descriminá-los tanto quanto possível. Nesse trabalho nós poderemos encontrar sem dúvida pontos de contacto ou semelhança, em função dos acontecimentos, com o que se passa no mundo de hoje e portanto a razão porque, sujeita a influências maquiavélicas nítidas, a actualidade os acusa sem discrepância. E' isso, pois, que desejamos verificar para, assim, atingirmos a razão dêste despretencioso e breve estudo.

(Continua).

António Sarmento.

CALDAS DAS TAIPAS — Praça da República

Termas das Taipas

Visita de médicos e jornalistas

As Termas das Taipas estiveram em festa no domingo. A classe médica e os jornalistas, faziam a sua visita, em anuência a um amável convite da direcção da Emprêsa Termal, composta pelos srs. Belarmino Ferreira da Cruz, José Jacinto Júnior e António de Magalhãis Afonso Marinho.

As Caldas das Taipas são uma admirável estância de cura e repouso, a poucos quilómetros de Guimarãis. Possuem um magnífico hotel e confortáveis pensões, um excelente estabelecimento termal que funciona sôb a inteligente direcção do distinto médico hidrologista e nosso ilustre colaborador sr. dr. Alfredo Fernandes. E' uma terra progressiva onde a ciência moderna tem sido acompanhada com atenção e proficiência. As suas águas têm produzido verdadeiras maravilhas terapeuticas. Os resultados se não sempre satisfatórios chegam a ser considerados. ás vezes, verdadeiros milagres.

Desconhece-os, ainda, infelizmente, uma grande parte da ilustre classe médica portuguesa. Foi porisso mesmo que a gerência das Termas ali reuniu, no domingo, um grupo de médicos de Lisboa, Pôrto, Guimarãis, Braga, Vila Verde, Amares, Freamunde, etc. e os jornalistas.

A visita realizou-se às 11 horas. Os visitantes foram acompanhados pelo sr. dr. Alfredo Fernandes que, numa ligeira e interessante palestra, aludiu aos casos de cura. Dessa visita todos guardaram a melhor impressão.

O estabelecimento termal das Taipas está dotado com as mais modernas instalações hidroterápicas, duche, imersão, inalações, pulverizações, irrigações, etc., e da mais perfeita aparelhagem para tratamentos pela diatermia, raios ultra-violeta e infra-vermelhos.

Em seguida realizou-se, no Hotel das Termas, o almôço.

Na mesa de honra tomaram lugar os srs. Belarmino Ferreira da Cruz, António Magalhães, Afonso Marinho, José Jacinto Júnior, dr. Alfredo Fernandes, dr. Alberto Feio e dr. Alberto Cruz. Os restantes convivas sentaram-se indistintamente.

Um quinteto composto pela distinta pianista D. Margarida Policarpo Teixeira e pelos srs. Mário Gomes Pinto, Luís Augusto Ribeiro, Francisco Alves da Silva e Agostinho da Silva Ribeiro, executou primorosos trechos de música.

Ao *champagne* iniciou os brindes, em nome da direcção das Termas, o sr. Belarmino Ferreira do Cruz que enalteceu as Termas das Taipas como estância de cura, repouso e turismo, e terminou agradecendo aos médicos e aos jornalistas a comparência àquela festa.

Seguiu se no uso da palavra o sr. dr. Afredo Fernandes, que começa por dizer que aquele dia é para êle dos de maior satisfação por se ver rodeado de tantos e tão distintos médicos, que num requinte de gentileza aceitaram o convite que lhes foi dirigido.

Depois de aludir ao grandioso panorama das Taipas e ao poder benéfico das suas águas, refere-se à Imprensa, dizendo que esta e os médicos se completam, aquela porque contribue para a cura do espírito defendendo as boas ideias, e êstes para a cura do corpo.

Com entusiasmo e carinho o sr. dr. Alfredo Fernandes sauda a Imprensa, a classe medica e de um modo muito especial os dirigentes da Emprêsa.

Falam depois os srs. dr. Alberto Feio que se referiu à benéfica acção das águas; dr. António Alvim, dr. Rocha Peixoto, dr. Alberto Cruz (Freamunde) e dr. Manuel José Machado. Todos se referiram às Caldas das Taipas e às suas magníficas águas e elogiaram o seu digno director clínico sr. dr. Alfedo Fernandes. Em nome da Imprensa o nosso camarada António Leite, agradeceu as saudações feitas à imprensa.

Terminado o almôço teve lugar no mesmo Hotel um chá dansante promovido por um grupo de aquistas em honra dos visitantes. Ali se reuniram as mais elegantes famílias da colónia balnear, além de outras de Guimarãis e Braga que foram expressamente às Taipas tomar parte na elegante festa.

Entre a selectíssima assistência ocorre-nos os nomes das ex.mas sr.as D. Madalena Jacinto, D. Ana Maria Jacinto, D. Maria Madalena Jacinto, D. Maria da Conceição Jacinto, D. Marília Martins, D. Maria Filomena Vieira, D. Maria Adelaide Figueiredo, D. Maria Angelina Couto Soares, D. Ester Couto Soares, D. Maria Inês Vieira, D. Cristina Ferreira dos Santos, D. Celeste Mourão, D. Emília Baptista Sampaio, D. Maria da Graça Baptista Gomes, D. Maria de Lourdes Baptista Sampaio, D. Maria Helena Biron, D. Maria Madalena Castro, D. Maria da Paz Alvito, D. Ana Sardinha, D. Júlia Meireles Vieira, D. Julia Rosa Meireles Vieira, escritora D. Emília de Sousa Costa, D. Helena de Sousa Costa, D. Henriqueta de Sousa Costa, D. Maria Ferreira, D. Zulmira Torres, D. Zulmira de Roma Torres, D. Maria Carvalho, D. Maria Castro, D. Maria Vallet, etc.

Dansou-se animadamente até há hora da partida.

Assim terminou a visita às Caldas das Taipas, visita que aos médicos e aos jornalistas deixou as melhores impressões e as maiores saudades.

Madurezas

— O' meu amigo! O Castelo dos Almadas está mesmo feito novinho em fôlha.

— ¿Então que se há-de fazer?

— Aquelas 3 esquinas de lima esquinada, merece registo num *crónicon* indicativo do ano da sua... construção.

E logo mais adiante, no Largo da Condessa do Juncal.

— O' meu amigo! ¿O que representa aquele tronco de ferrador?

— Muito lealmente: é o monumento ao Gravador Moleirinho.

— O' meu amigo!

E já no Jardim Público.

— O' meu amigo! Que raio representa êste novo... castelo?!

— A Torre da Alfândega.

— O' meu amigo! O querer fazer-se coisas novas numa *cidade velha*, ó meu amigo!

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a nossa 4.ª página.

Pró-Monumento

A «Brigada do Minho» na Batalha do Lys e os seus mortos, feridos e prisioneiros.

Prestada a homenagem, nas colunas do «Notícias» ao Regimento de Infantaria n.º 20 — IV batalhão — seria injustiça imperdoável não dispensar ao Quartel General e aos restantes batalhões da *Brigada do Minho*, o preito de homenagem a que têm direito, pois tôdos combateram à sombra da mesma Bandeira, sofrendo, igualmente, o embate duro e mais que violento das hostes inimigas. Assim, apresentamos aos leitores os nomes dos oficiais mortos, feridos e prisioneiros, tanto do Quartel General, como dos 1.º batalhão (Infantaria 3), 2.º batalhão (Infantaria 8) e 3.º batalhão (Infantaria 29), deixando para tempo oportuno e quando o espaço o permitir, os nomes das praças dos referidos batalhões. Continuemos, pois, a respigar *«A Brigada do Minho na Flandres»* do Ex.mo Coronel Eugénio Mardel, manancial preciosíssimo com lugar especial na nossa estante, ao lado de *«A Batalha do Lys»* do Ex.mo General Gomes da Costa.

Quartel General

Comandante interino — 2.º comandante, tenente-coronel, Eugénio Carlos Mardel Ferreira, ferido e prisioneiro. *Ajudante*, capitão, Raúl Maria Narchial Franco, ferido. *1.º adjunto*, capitão, Luíz Gonzaga do Carmo Pereira Ribeiro, morto. *Granadeiro*, capitão, Agnelo João Taveira Moreira, ferido e prisioneiro. *2.º adjunto*, tenente, Antero Moreira da Rosa Alpedrinha, ferido. Comandante da secção de telegrafistas, tenente, Henrique José Rebelo Branco, ferido. *Porta Bandeira*, interino, tenente, Francisco Gonçalves Calheiros, ferido. *Chefe dos Serviços de Saúde*, capitão, Levy de Carvalho Almeida, prisioneiro. *Chefe dos Serviços Administrativos*, capitão, Augusto Campilho de Lima Barreto, ferido. *Chefe da Banda*, tenente, Inácio Maria da Costa, ferido.

1.º Batalhão - Infantaria 3

Oficial de metralhadoras, alferes miliciano, José Apolinário da Silva Dias, morto. *Oficial observador*, alferes, Adelino Augusto de Almeida Graça, prisioneiro. *Serviço de Saúde*, tenentes-médicos: António de Oliveira Zuquet, prisioneiro, Adelino dos Santos Diniz, ferido. *Oficial Sapador*, ajudante interino, alferes, Américo Pinto da Silva Oliveira, ferido. *Oficial Sinaleiro*, alferes, José Simões, ferido. *1.ª companhia*, alferes: Manuel Ribeiro da Lage, ferido e prisioneiro, António Fernandes de Sousa Santos e Alvaro Pereira Ribeiro, prisioneiros. *2.ª companhia*, tenente, Júlio Mesquita Gouveia Durão e alferes, Leonardo Campos de Almeida (I. 19), prisioneiros. *3.ª companhia*, alferes miliciano, António Macedo Martins de Lima, prisioneiro. *4.ª companhia*, alferes: José Henriques Cordeiro e Agnelo Maldunado, mortos. Alferes miliciano, Casimiro Gonçalves Rapazote, prisioneiro. *Reserva de oficiais*, alferes, Joaquim Correia, morto, alferes Mário de Almeida, ferido.

* * *

Para poupar trabalho ao leitor faço a recapitulação que dá o seguinte resultado:

	Q. G.	I. 3
Mortos	1	4
Feridos	6	4
Prisioneiros . . .	1	8
Feridos e prisioneiros	2	1
Soma. . .	10	17

Não sei se Braga e Viana do Castelo, homenageando os seus mortos, na imprensa, englobaram os seus camaradas do 4.º Batalhão da «Brigada do Minho»; se o fizeram, esta singela homenagem, impunha-se como dever recíproco; caso negativo fica, êste gesto, a par da solidariedade para com os seus mortos, traduzindo uma gentileza que o «Notícias» presta de bôa mente, a Braga e a Viana do Castelo, inserindo nas suas colunas os nomes daqueles que, tendo batalhado ao lado dos filhos de Guimarãis, com êles morreram ou muito sofreram.

(Continúa)

Lisbôa, 1935.

MANUEL DE GUIMARÃIS.

GAZETILHA

Nunca criou bôa fama
E o mundo jàmais poupa,
A quem lava a sua roupa
Num charco cheio de lama.

Há certas ocasiões
Que o melhor é o... calado,
E assim o têm pensado
'Té os próprios sabichões.

Eu nunca gostei de vêr
Irmãos a questionarem,
Em vez de se auxiliarem
Estarem-se a combater.

Mas tratemos doutro assunto,
Pois êste muito me enjôa:
é A cidade é um defunto
Com tantas cruzes à tôa?

Junta Autónoma das Estradas:
Dão um tom mais grave e sério,
Essas cruzes colocadas
Desde Braga ao cemitério.

Ou então, desta maneira:
A cruzeta seja erguida
Onde está a montureira,
No princípio da Avenida.

E ponham-lhe êste dizer:
"Aqui jaz a D. Estética,
Que morreu logo ao nascer
Porque ao mundo veio ética".

CLAROS.

Post Scriptum: Só rezaram
Duas noites e dois dias,
A seguir p'rás Atouguias
Logo mesmo as levaram ..

CLAROS.

O 18.º aniversário da inauguração do «Hospital António Lopes», da Póvoa de Lanhoso.

Na quinta-feira realizaram-se na Póvoa de Lanhoso imponentes festas comemorativas do 18.º aniversário da inauguração do modelar «Hospital António Lopes», acto a que assistiu o sr. Governador Civil do Distrito.

As festas que foram abrilhantadas pelas bandas dos B. V. da Póvoa de Lanhoso e de Revêlhe (Fafe), constaram de missa de *Requiem*, descerramento do busto, em bronze, do fundador do hospital, visita ao hospital e refeição a 110 pobres recrutados em tôdas as freguesias do concelho, sessão solene no Teatro Club, sob a presidência do chefe do distrito, inauguração do busto do benemérito António Ferreira Lopes, em tôdas as escolas da vila, festival com iluminações, fôgo e concêrtos musicais.

A vila da Póvoa de Lanhoso prestou assim uma justa e bem significativa homenagem ao seu grande benfeitor.

O «Notícias de Guimarãis», que recebeu um amável convite para as comemorações, associa-se àquela homenagem prestada ao Homem de Bem a quem Lanhoso muito deve.

Realize o seguro do valor da sua vida numa Companhia que lhe ofereça as mais completas garantias de solidez e honestidade!

A Companhia de Seguros «Commercio e Industria» foi organizada com bases de primeira ordem, a-fim-de inspirar crédito absoluto.

Os nomes das pessoas que compõem a sua Administração são notòriamente conhecidas como técnicas no assunto, e da maior respeitabilidade.

A exactidão com que a Companhia cumpre os seus compromissos, a liberalidade de suas apólices, que são as mais modernas, a vontade dos seus Directores em satisfazer, inteiramente, as exigências do público e corresponder à confiança que lhe vem sendo dispensada, tornam-a digna da preferência de V. Ex.ª.

A «Commercio e Indústria» mantém contratos automáticos com as mais importantes Companhias Resseguradoras do mundo, o que lhe permite tomar seguros de quantias consideráveis.

CAPITAL E RESERVAS EM 1934: ESC. 9:428.212$33.

PRÉMIOS RECEBIDOS EM 1934: ESC. 9:393.060$60.

INDEMNIZAÇÕES PAGAS ATÉ 1934: ESC. 37:768.169$30,5.

Procure-me ou escreva-me.

J. BASTOS MONTEIRO

Restaurante Teixeira Mendes — GUIMARÃIS.

Festividade a Nossa Senhora da Guia

Imagem de Nossa Senhora da Guia

Como já noticiamos realiza-se àmanhã, com a maior solenidade, a festa anual em honra de N. S. da Guia que se venera na sua linda capelinha do Largo 1.º de Maio, desta Cidade.

Hoje à noite a frontaria da capela e as sacadas dos prédios do Largo estarão engalanadas e iluminadas e será queimado vistoso fôgo de artifício confeccionado por um afamado pirotécnico.

Amanhã o programa é, em resumo, o seguinte: missa resada às 9 horas, missa solene às 11 horas, exposição do SS. às 16, sermão pelo rev. Abade de Saúde e Te Deum, às 18 horas. As solenidades anunciar-se-hão por salvas de foguetes.

Peregrinação à Penha

Realiza-se hoje a grande peregrinação anual à Virgem de Lourdes da Penha, manifestação esta que deve atingir a maior imponência. Os actos de culto que precedem a grande e piedosa romagem, iniciam-se, como já noticiamos, em quási tôdas as igrejas às às 5 horas da manhã, e a peregrinação será organizada no vasto Largo da República do Brazil, às 9 horas, seguindo depois pela Rua de S. Dâmaso, Largo Prior do Crato, Toural, Rua 31 de Janeiro, Rua 5 de Outubro, Rua Conde D. Henrique, Rua de S. Torcato, Campo do Salvador, Rua da Arcela e estrada da Penha, a caminho da Montanha onde à chegada haverá várias demonstrações festivas e os seguintes actos religiosos: Missa Campal, junto do Santuário Eucarístico (em construção), alocução aos peregrinos, procissão eucarística e bênção do SS.mo.

Durante o dia haverá o costumado arraial.

A companhia dos Caminhos de Ferro estabelece um serviço especial de combóios entre Fafe e Guimarãis e vice-versa, Trofa e Guimarãis e vice-versa, e Pôrto (Boavista) e Guimarãis, com paragens em tôdos os apeadeiros.

Durante o dia haverá carreiras de caminhetas entre a cidade e a Penha.

Penha, um grupo de penedos

Da Cidade

Melhoramentos na Penha — Iniciaram-se já as obras do Parque de Jogos do Monte da Penha, subsidiadas pelo Fundo do Desemprêgo. Este melhoramento vai contribuir muito para o desenvolvimento da formosissima estância da Penha, por ficar em condições de ser aproveitado para qualquer modalidade de festas desportivas, devido ao critério que presidiu à sua organização.

Novo Regedor — Foi nomeado Regedor da freguesia de Briteiros (S. Salvador) o sr. Domingos Gomes Vieira.

De luto — Pelo falecimento de pessoas de família, encontram-se de luto os srs. Paulino Ferreira Leite e João da Silva. Os nossos cumprimentos de condolências.

Repartição de Finanças — Por toda a presente semana deve ser modada do Largo João Franco para o edifício da Câmara Municipal, no Largo Martins Sarmento, a Repartição de Finanças dêste concelho

Cemitério Municipal — O movimento de enterramentos no Cemitério Municipal, durante o mês de Agôsto, foi o seguinte:

Adultos, sexo masculino, 9; idem, sexo feminino, 3.

Adolescentes, sexo masculino, 19; idem, sexo feminino, 12. Total 43.

Falecimento — Em S. Paulo, Brazil, faleceu o nosso conterrâneo sr. Zeferino de Frertas Guimarãis, capitalista.

Posto emissor electro-mecânico do Pôrto — O ex.mo sr. Capitão Rogério M. Almeida Russo, na sua palestra realizada ontem no Posto acima referido, por especial deferência, falou, também, sôbre Guimarãis e a Peregrinação da Penha.

Peregrino Alemão — Chegou a esta cidade o peregrino alemão, Juan Muller, que anda a dar a volta ao mundo com uma cruz às costas. O peregrino sente-se muito maguado por ter sido mal tratado em alguns paizes. Em Barcelona destruiram-lhe a cruz, motivo porque agora se fàz acompanhar de uma cana e uma palma.

O peregrino que nesta cidade tenciona demorar-se até segunda-feira, é hospede do sr. dr. Sebastião Cardoso Lobo de Menezes (Nespereira) no Palacete do Proposto.

Registo Civil — O movimento nesta repartição durante o mês de Agôsto, foi o seguinte: Casamentos, 15; nascimentos, 217; óbitos, 253.

Romaria de Santo Antonino — Decorreu com muito brilho e foi largamente concorrida, a antiga romaria de Santo Antonino, realizada no monte do mesmo nome, próximo de Paçô-Vieira.

Além dos actos religiosos que se celebraram com brilho, tendo a enaltecê-los a brilhante oração proferida pelo rev.º João de Oliveira, pároco de Mesão Frio, houve o costumado arraial, abrilhantado com interessantes e variados divertimentos, entre os quais, bazar de prendas, danças regionais, e pela banda dos B. V. de Guimarais.

A' tarde teve lugar, no pitoresco local, um pic-nic oferecido pelo juíz da festa, o nosso prezado amigo sr. Gaspar Lopes Martins, a que assistiram as seguintes senhoras e cavalheiros:

D. Maria Augusta Ferreira Neto Soto-Maior e Menezes, de S. Pedro da Raimonda, D. Lina Fernandes, D. Carolina Lemos Martins, D. Rosa do Carmo Martins, D. Maria Helena Martins, D. Margarida Teixeira, D. Rosa Coelho Teixeira, D Maria Amélia Teixeira, D. Gracinda Gomes Martins, D. Maria do Carmo Martins, D. Maria Emilia Teixeira, D. Maria José Martins, D. Fernanda Martins, P.e João de Oliveira, P.e Francisco Leite de Faria, Gaspar Lopes Martins, António Lopes Martins, Manuel Fernandes Pôrto, Fernando Martins, Belmiro de Freitas, José Fernandes Guimarãis, Boaventura Alves da Cunha, António Dias, Belmiro Martins, Egídio Martins, Vinício Martins, Amândio Ribeiro, Deolindo Ribeiro, José da Costa, Joaquim de Oliveira, António José Ribeiro, Camilo Areias Ribeiro, Alfredo Lemos, Joaquim Lopes Martins, João Gonçalves Martins, Alberto da Cunha Guimarãis e Manuel Fraga.

Brindaram os srs. P.e João de Oliveira, António e Gaspar Lopes Martins.

Por proposta dêste sr. foi nomeada juiza para a festividade de 1936 a sr.ª D. Maria Augusta Ferreira Neto Soto-Maior e Menezes, espôsa do nosso bom amigo, sr. Manuel Fernandes Pôrto, importante capitalista em S. Pedro da Raimonda (Freamunde).

Incêndio — Ontem, às 4 1/2 horas da madrugada, manifestou-se um violento incêndio na Quinta de Cima, em Paçô-Vieira, propriedade da sr.ª D. Rosa Peixoto. O incêndio teve origem numas cortes de gado do lavrador-caseiro Francisco Rodrigues, as quais arderam por completo. Salvaram-se com certa dificuldade, 7 cabeças de gado e muitos haveres, e morreu carbonizada uma porca.

Os bombeiros compareceram imediatamente após o sinal de alarme, e prestaram optimos serviços, evitando que o incêndio se alastrasse ao palacete «Conde Paçô-Vieira».

Música no Jardim — A Banda dos B. V. desta cidade, realiza hoje, no Jardim Público, das 21 ás 23 horas, o seu 10.º concerto com um escolhido programa.

Esta Banda segue no próximo dia 15 para Abragão — Penafiel, afim de abrilhantar as festas a Nossa Senhora da Saúde, que se realizam naquela povoação.

Por tal motivo, o concêrto habitual no Jardim Público, fica transferido para o dia 19.

Excursão do Porto — A Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal, no intuito de tornar conhecida a região que serve, resolveu realizar mais uma digressão que coincida com a Grande Peregrinação à Penha, sendo a partida da estação do Porto (Boavista) às 8,35 em boas carruagens, chegada a Guimarãis ás 10,35 e partida para a Penha às 10,40 em luxuosos auto-cars. A's 12,30 almôço no Hotel da Penha, seguindo-se a visita à Montanha. A's 19 horas jantar no mesmo Hotel, continuando após êle, a visita. A's 21,20 regresso a Guimarãis. A's 22,7 partida para o Porto. Os excursionistas serão acompanhados por um representante da Companhia que servira de cicerone.

Novo colega — Foi nomeado correspondente nesta cidade, do «Diário de Noticias» o nosso bom amigo sr. dr. António Rodrigues da Rocha.

Donativo à Casa dos Pobres — O grupo excursionista dos Amigos do Coração de Jesus ofereceram à Casa dos Pobres, a quantia de 70$00.

NOTICIAS PESSOAIS

Encontra-se no Gerez, a uso de águas, o digno director do Internato Municipal, rev. Gaspar Nunes.

— Regressou da Póvoa de Varzim, o sr. Alberto Teixeira Carneiro.

— Encontra-se entre nós, de visita a sua família, o nosso bom amigo, sr. Alvaro Penafort, digno escrivão da Comarca de Celorico de Basto.

— De visita a Guimarãis e ao seu velho amigo sr. Coronel Gaspar do Couto Ribeiro Vilas, esteve nesta cidade o rev. José Maria da Rocha, prestigioso capelão do Santuário da Penha, do Rio de Janeiro, e alta figura de destaque no cléro da Grande República Brazileira. O ilustrado sacerdote visitou as Estâncias da Penha e S. Torcato, que muito admirou pelas suas belezas e assistiu ao baptizado de um filhinho do nosso amigo sr. António Renato da Fonseca Moreira.

— Com sua espôsa encontra-se a veranear na Póvoa de Varzim, para onde seguiu ontem, o nosso bom amigo e distinto magistrado, sr. dr. Jerónimo Rocha.

— Partiu com sua família para a Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. Anibal Dias Pereira.

— Passou na quarta-feira o aniversário natalício do estimado sacerdote rev. Francisco Saraiva Brandão, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

— Partiu para a Póvoa de Varzim, com sua espôsa, o nosso bom amigo e inteligente poeta sr. Jerónimo Almeida.

— Com sua família partiu para as suas propriedades de St.ª Leocádia de Briteiros, o nosso amigo sr. Artur Fernandes de Freitas.

— Encontra-se entre nós o nosso amigo sr. Engenheiro António Sarmento.

— Partiram para a Póvoa de Varzim, com suas famílias, os nossos bons amigos sr. António Silva e José Maria Felix Pereira.

— Encontra-se doente o nosso prezado amigo sr. Fernando Jordão, a quem desejamos rápidas melhoras.

— Do Gerez, onde estiveram a uso de águas, regressaram à Casa da Cantônha, desta cidade a espôsa e filho do nosso bom amigo e digno administrador do concelho sr. António José Pereira de Lima.

— Com sua família partiu para as suas propriedades de S. Cláudio de Barco, o estimado solicitador local sr. Francisco de Faria.

— Com sua família andou em digressão pelo alto Minho o também estimado solicitador sr. Augusto Joaquim da Silva.

— Regressou da Póvoa de Varzim, com sua família, o considerado industrial sr. Belmiro Mendes de Oliveira.

— Partiram para a mesma Praia, com suas famílias, os srs. José Maria Leite, Manuel Gomes de Oliveira e Alberto Gomes Alves.

— Com sua espôsa partiu para Espinho o nosso amigo sr. José Faria Martins.

— Para a Póvoa partiu o nosso amigo sr. José Teixeira de Faria.

— Deu-nos ontem o prazer da sua visita o nosso querido camarada de «O Comércio do Pôrto», sr. Manuel Ribas.

— Após prolongados sofrimentos faleceu uma filhinha do nosso bom amigo e ilustre 2.º Comandante dos B. V. sr. António de Sousa Lima. Os nossos cumprimentos.

— Apresentou-nos ontem os seus cumprimentos o nosso prezado amigo sr. Jacinto da Silva Guimarãis.

— Está em Vizela, no Hotel Universal, acompanhado de sua espôsa e cunhada, o sr. Francisco Costa, conceituado negociante da praça do Pôrto.

Crítica Semanal

Vários monumentos foram erigidos nesta cidade, como o sejam: — a Martins Sarmento, João Franco e Gravador Molarinho.

Lamentável é que, os Mortos da Grande Guerra, ainda nao possuam o seu monumento que perpétue a memória daqueles que, para honra da nossa abençoada Pátria, combateram até à última gota de sangue, tombando para sempre no campo da batalha. "Antes quebrar que torcer".

Essa dívida que está em aberto na nossa cidade, tem que ser saldada, o mais breve possivel, custe o que custar. E' mesmo uma vergonha Guimarãis ainda não possuír êsse monumento.

Vamos srs. acordem do sôno que os prostou há tanto tempo e tratem de erigir o monumento aos Mortos da Grande Guerra. Lembrem-se de que o nosso glorioso e histórico Regimento de Infantaria 20, combateu brilhantemente; batalhou com energia e lutou com heroísmo na célebre batalha de La Lyz, em Flandres, pela honra da nossa querida Pátria.

E já que falamos em monumentos recorda-nos ter assistido, há pouco mais ou menos seis anos, à inauguração, no Jardim Público, da primeira pedra, para a construção de um monumento à Independência de Portugal. Recorda-me também que existia uma agremiação, chamada Sociedade Histórica da Independência de Portugal, a qual tomou sôbre si o encargo de erigir o mesmo monumento.

Aquela primeira pedra para a construção do dito monumento conservou-se ali até ao ano de 1932. Dentro da mesma dizem que havia um cofre contendo umas moedas de prata.

Saberá dizer-nos alguém, quem *abusivamente*, retirou, daquele local, a mesma pedra e as ditas moedas de prata?

Igualmente alguém nos saberá dizer que é feito da Sociedade Histórica da Independência de Portugal? Nem tuge, nem muge! Ainda será vivo?

Urge preguntar: O monumento não foi erigido, e como a primeira pedra foi inaugurada solene e festivamente e benzida, assim como as moedas, porque razão é que não chegaram a dar comêço à construção do monumento à Independência de Portugal, e ainda mais retiram a mesma *pedra* e as referidas *moedas de prata?*

Vamos srs. digam o que há de verdade, pois isto que se passa é um crime, e segundo nos consta a Sociedade Histórica da Independência de Portugal é uma agremiação pública e não particular!

AREXDAD J.or.

Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes

Secção de Estatistica

Saídas de vinhos verdes de região regulamentada durante o mês de Agôsto:

Pôrto, (Vinho tinto), 637.643; (Vinho branco), 85.620. Lisboa, (Vinho tinto), 97.240; (Vinho branco), 4.400. Diversas localidades, (Vinho tinto), 92.324; (Vinho branco), 8.497. Entreposto, (Vinho tinto), 216.915; (Vinho branco), 6.870. Exportação, (Vinho tinto), 143.151; (Vinho branco), 3.709. N.º total de litros: (Vinho tinto), 1.187.283. (Vinho branco, 109.096.

O Presidente da Comissão Executiva,

a) *Manuel de Espregueira e Oliveira.*

O Chefe da Estatística e Movimento de Vinhos,

a) *Francisco José de Magalhãis.*

CICLISMO

A 6.ª Volta a Portugal — Etapa Pedras — Guimarãis

Os arrojados ciclistas que hoje chegam a Lisboa, terminando a 6.ª Volta a Portugal, iniciada há quinze dias, chegaram a Guimarãis, final da 11.ª etapa, ao declinar da tarde de quarta-feira, e foram recebidos por uma multidão de muitas milhares de pessoas que estacionava no Campo de *Benlhevai* e nas suas imediações.

A' sua chegada produziram-se entusiásticas manifestações.

A meta estava colocada naquele campo, onde antes da chegada, teve lugar o anunciado festival desportivo, inteligente organização do nosso prezado colaborador sr. António de Almeida Ferreira Júnior.

O policiamento foi feito pela G. N. R. e P. S. P. e a sinalização pelos B. Voluntários que, a toque de clarins, deram o sinal de entrada dos corredores, os quais cortaram a meta pela ordem seguinte:

1.º — Filipe de Melo, 5 h. 33 m. 43 s.
2.º — Ildefonso, m. t.
3.º — Cesar Luís, m. t.
4.º — Joaquim Fernandes, m. t.
5.º — Martins Aguiar, m. t.
6.º — José Braz Júnior, m. t.
7.º — Joaquim de Sousa, m. t.
8.º — Ladislau Parreira, m. t.
9.º — José Marquês, m. t.
10.º — Manuel Souza, m. t.
11.º — Roberto Magalhãis, m. t.
12.º — José Pigarro, m. t.
13.º — Ezequiel Lino, m. t.
14.º — Duarte Faria, m. t.
15.º — Castelão Romão, m. t.
16.º — Valério de Sousa, 5,34,42.
17.º — Floriano Moreira, 5,34,50.
18.º — Eugénio Martins, 5,34 54.
19.º — José Pontes Narciso, 5,27,34.
20.º — João Gomes, m. t.
21.º — Sousa Rosário, 5,37,40.
22.º — João P. Marciso, 5,34,54.
23.º — António Rosa (Benfica), 5,37,56.
24.º — F. Almeida, 5,38,5.
25.º — José A. Barbosa, m. t.
26.º — António Bernardino, 5,41,47
27.º — Vítor Guimarãis, 5,42,11.
28.º — António Rosa (B.) 542,4.
29.º — Albino Carvalho, m. t.
30.º — Carlos Leal, 5,51,0.
31.º — Sotero Albano, 5,57,39.
32.º — João de Sousa, 6,2,40.
33.º — António Leal, 6,12,23.

O primeiro corredor entrou às 18 h. 23 m. e 48 s. e o último às 19 h. 2 m. e 23 s.

A lista dos prémios

Guimarãis ofereceu os seguintes prémios:

Taça da Câmara Municipal, para Filipe de Melo; taça da Associação Comercial, para a équipa do Sporting; taça dos Empregados do Comércio, para o corredor José Pigarro; medalha da Comissão de Turismo, para Ildefonso; taça dos admiradores do Benfica, para Manuel de Sousa; taça dos admiradores do Belenenses, para João Pontes Narciso; taça Vitória Sport Club, para Cesar Luís.

A distribuição dos prémios efectuou-se à noite no Jardim Público, sendo o acto abrilhantado pela banda dos Bombeiros Voluntários.

Assistiram, além do administrador do concelho as principais individualidades da cidade.

— Depois da chegada, António Bernardo e Domingos Leal foram receber tratamento da queda que sofreram em Sabroso, ao posto de socorros «A Social».

— Floriano Moreira recebeu os seguintes prémios: meia libra em ouro, dos seus conterrâneos, um relógio, dos Grupos Recreativos de Guimarãis, e uma colcha de seda.

— Domingos Dias, o conhecido «Nicolau do Porto», veio propositadamente a Guimarãis para abraçar os seus companheiros do Porto, a quem felicitou pela prova que têm feito.

— O «Francês» deu uma queda de que resultou a fractura de uma perna. Ficou internado no Hospital da Póvoa de Lanhoso, não tendo podido concluir a 11.ª etapa.

A partida

A partida dos corredores e sua comitiva efectuou-se na quinta-feira às 14,15 horas, da Praça de D. Afonso Henriques, tendo sido os mesmos novamente aclamados por uma grande multidão de pessoas.

Antes da partida e junto ao monumento do Fundador da Nacionalidade, o sr. dr. Salazar Correia fez uma alocução aos corredores.

— A *Casa das Gravatas* ofereceu ao corredor Floriano Moreira uma camisa Tabú e uma linda gravata

— Os motoristas da Praça de Guimarãis puzeram os seus carros à disposição dos estradistas, conduzindo-os gratuitamente à Penha.

Importantes roubos

Na quarta-feira, ao meio dia, seis meliantes alugaram o carro de praça do Pôrto, n.º 10643 N., marca *Citroen*, do motorista Luís Gonzaga Ferreira dos Santos, de 32 anos, natural de Vila Nova de Gaia e residente na T. das Musas, do Pôrto, e nele se dirigiram a esta cidade. Ao passarem em Santo Tirso roubaram 500$00 de um estabelecimento onde pararam para beber. Em Guimarãis, no Campo de *Benlhevai*, onde uma grande multidão de pessoas assistia à chegada dos corredores da 6.ª Volta a Portugal, praticaram os seguintes roubos: a António Vaz da Costa Marques, industrial, um relógio e corrente de ouro, no valor de 1.200$00; a Luís da Costa Madureira, cortador de carnes verdes, um relógio de prata e uma corrente de ouro; a António José Pereira da Silva, industrial na rua de Trás-de-Gaia, um relógio de prata e corrente de ouro; a Inácio Ferreira da Costa, empregado comercial, um relógio de plaquet e corrente de ouro, no valor de 230$00; a Justino A. da Silva, ourives, um relógio e corrente de ouro.

Foram prêsos, como autores dos roubos, António Pereira, de 25 anos, empregado comercial, natural da freguesia de Santo Ildefonso, Pôrto, e residente no lugar do Campo da Feira, Famalicão, e Joaquim Ferreira de Carvalho, de 22 anos de idade, natural de Paranhos e residente na rua de Cima de Vila, Pôrto, os quais foram submetidos a vários interrogatórios e negam o crime que lhes imputam.

A P. S. P. procede a averiguações.

Adega dos vinhos verdes na Rua do Ourado N.º 19 Guimarãis

Escola Industrial e Comercial de "Francisco de Holanda,, em Guimarãis

Desde o dia 1 a 20 de Setembro, está aberta a matrícula para a freqüência desta Escola no ano lectivo próximo.

Os candidatos a esta matrícula, pela primeira vez, devem apresentar, a instruír o requerimento ao Director, os seguintes documentos:

1.º — Certidão de idade.
2.º — Atestado médico, devidamente reconhecido, comprovativo de que o requerente não sofre de doença contagiosa e de que é revacinado;
3.º — Certidão do exame do 2.º grau ou seu equivalente;
4.º — Bilhete de identidade.

Todos os interressados devem apresentar, no acto da matrícula, 2 fotografias.

E' também permitida a matrícula em disciplinas isoladas, tendo, porém, em consideração as precedências.

Os individuos que tiverem aprovação no 1.º ou 2.º ano dos Cursos desta Escola poderão ser admitidos à matrícula no 2.º ou 3.º ano do curso dos Liceus e vice-versa, tendo em atenção o disposto no Decreto n.º 20.525 ("Diário do Govêrno,, n.º 266, 1.ª série, de 16 de Novembro de 1931).

Aos individuos habilitados com os cursos Comerciais das Escolas Técnicas é concedido o direito a admissão aos concursos para Aspirantes de Finanças, Escrivães e empregados nas Secretarias dos Corpos Administrativos; preferência para os serviços de secretaria dos estabelecimentos de ensino; para Mestres das Escolas Técnicas; exclusivo para as nomeações de pessoal auxiliar das Escolas Técnicas, consoante a sua especialidade e no concurso para escriturários das Alfândegas.

Os que concluirem o Curso de Comércio poderão seguir para os Cursos complementares que lhes darão outras regalias importantes.

Propinas — Os alunos ordinários pagam 4$00 por cada ano de curso e os extraordinários 4$00 por cada disciplina.

Serão isentos de pagamento os individuos a cargo de qualquer instituição de Assistência.

Nesta Escola é ministrado o ensino diúrno e nocturno dos seguintes cursos:

Tecelão debuxador, em 5 anos;
Bordadeira, em 6 anos;
Curso de comércio, em 3 anos.

Das 9 às 12 e das 19 às 22 horas, dias úteis, na Secretaria desta Escola prestam-se quaisquer esclarecimentos sôbre matrículas e, bem assim, sôbre as regalias dos referidos cursos.

Guimarãis foi visitada, no domingo, por uma grande excursão do Pôrto

Os grupos recreativos da cidade do Pôrto «*Os Mangericos*» e «*Os Gráficos*» realizaram no domingo último a sua anunciada excursão a Guimarãis, tendo sido recebidos, festivamente, pelos grupos recreativos locais, associações de classe, uma banda de música e muito povo.

Na estação do Caminho de ferro organizou-se um grande cortejo que atravessou as ruas da cidade, enquanto que no espaço estralejavam salvas de morteiros, em direcção à Associação Comercial e Industrial, onde lhes foram dadas as bôas-vindas.

Presidiu à sessão o representante do mais antigo grupo excursionista de Guimarãis, o sr. António Fernandes, secretariado pelos representantes dos dois grupos portuenses, que apresentou cumprimentos de saüdação em nome dos grupos vimaranenses.

O nosso querido camarada sr. Luíz Filipe Coelho leu, seguidamente, em voz pauzada, o seguinte e brilhante discurso:

Meus Senhores:

Convidado pelos Grupos Recreativos de Guimarãis para, em seu nome, saüdar o bom povo da capital do Norte em visita a esta cidade, jàmais tê-lo-ia aceite se não fôra o desejo de oferecer aos dignissimos filhos da Cidade Invicta a amizade do meu coração e, outrosim, testemunhar-lhes o meu enorme aprêço pelas suas excelsas qualidades cívicas.

Pobre de mim — a quem mingua inteligência e faltam dotes oratórios —, trocada a vida feliz e sossegada do esquecimento pela sedutora ambição de voar mais alto, deixei que me impelissem para êste enouriçado encargo, em cegueira e deslumbramento de igualar aquele pombo cubiçoso que aspirava a ser cortezão, só para que, correio, lhe coubesse a honra de ser o portador dos segrêdos do Estado.

Não adivinho o desfecho da minha audácia nem sei se me será dado ter o fim trágico da mosqueteada ave ou se desmerecerei da benevolência de quem me ouve e escuta.

Encouchado embora, mas constrangido e violentado a não recuar ou vacilar sequer, desempenhar-me-ei da missão consoante os meus recursos, desmanada da perplexidade e do enleio a lhaneza que pratico e uso para com aquelas pessoas que me são apresentadas pela primeira vez. Desculpem-me, pois, a pobresa da frase e o entremetimento da ambição.

A consciência é o traço distintivo da natureza humana, o atributo da actividade racional, a vontade, o sentimento, a alma inteira, enfim.

Por ela são determinados tôdos os nossos actos, tornando o senso intimo um elucidário que se lê como livro aberto, induzindo à simpatia e ao carinho, independentemente de qualquer recompensa ou brilho de oiro fascinador.

Da sua influência, em dinamismo que nos propele e excita, surge a sociabilidade que nos irmana e junta, gerando uma atracção que quási sempre é atavismo, uma vez reconhecidas as qualidades ancestrais que unificam e quilatam.

A disformidade exceptua-se, para fazer prosperar a fraternidade suprema e imortal.

Também as relações se intensificam, ternas e aligadas, graciosas e doces, amimando e reconciliando o isolamento da nossa existência, e sobreerguendo o homem à sua qualidade distintiva de pensador e sensitivo. Nasce «o apóstolo da utilidade» do mecanismo universal.

E porque assim o vemos colocado em termo superior, ei-lo que se emancipa da sua função animal para se entregar inteiramente aos ditâmes do seu coração, sincero e raro, procurando no convivio desassanhar-se e aumentar o efectuoso amor que é tôda a sua máxima aspiração e anseio.

Não há muitos dias ainda que um escritor espanhol e grande sociólogo afirmava que o problema do homem está dependente do problema do Amor.

Desassombrado e conceituoso, ao interrogar os filósofos sôbre a realidade da vida, cotava-a em três outras vidas claras e límpidas: a vida existente dentro de nós; a vida que se derrama à nossa volta; e a vida que se eterniza connosco aínda que em nós-outros feneça. E deduzia: «Deixemos que a última siga vivendo para a humanidade, que de nós receba amor em forma de semen. Dentro de nós também existe uma vida, quiçá muitas vidas, seres infinitos e invisíveis, que cultivam o fôgo do nosso ser.» Após estabelecer o paralelo com a penúltima, francamente entendia dever abandonar o tratado da vida química para se devotar totalmente ao estudo da vida física — a única que hoje merece a dedicação espiritual—, reputado como problema de sociologia anelante e utilitária, esparso o desejo moral que anda empenhado em construír nova sociedade e fundamentar-se em novas humanidades.

Em verdade, Frederico Urales é gigantesco quando se submete à biologia que opera o mistério da vida.

Convence e alenta.

E se se preguntar: — O que andais fazendo vós, meus senhores, peregrinando por várias terras, abrindo em amplexo os vossos braços para bôa concatenação espiritual e fluxo de ternura, saltando por cima dos limites administrativos, em renúncia das venturas fictícias e qualidades de prazeres?

— Não é sintoma e valor intrínseco o esfôrço notável da reconquista do Paraízo terrenal, realizando-a pelas vossas próprias mãos e alicerçados na bondade que se escôa do vosso coração?

E' já princípio fundamental: *uma acção é bôa quando é de natureza a contribuír para a realização do fim do homem..*

Devemos, portanto, auxiliar o espírito a compreender a máxima doutrinal imposta pela evolução da consciência, compenetrados de que o Amor e a Vida se conjugam para dar origem ao Bem — o principal incentivo da universalidade da Lei Moral.

Meus Senhores:

Defenida com presteza e atumultoado raciocínio a afectiva e amável missão que vos trouxe até junto de nós, resta-me agradecer a honra com que distinguistes os Grupos Recreativos desta cidade, postos em devido destaque os simpáticos promotores "*Mangericos*,, retribuíndo à vossa gentileza com o perdurável reconhecimento que jàmais se apagará do nosso espírito e recompensando a honra dada com a certeza de que cêdo ou tarde teremos de saldar esta grande dívida que ora se abre — a visita dos grupos vimaranenses às suas congéneres do Pôrto.

Nunca outra cidade poderá merecer tal distinção, não obstante os nossos propósitos de bem receber e de bem «saber saüdar».

O Pôrto, terra nobilíssima pelas virtudes da sua população e maior ainda pela singularidade das suas tradições, se nos é querido como Capital dêste rincão nortenho, é-o ainda mais por ter dado seu nome a uma Nação que teve como fulcro a antiga *Vimaranis* — Pátria de tôdos nós e «a mais formosa e linda que ondas do mar e luz do luar viram ainda».

Sêde os arautos das belezas que vos oferece a nossa terra e lembrai-vos que para sempre haveis conquistado o nosso coração!

Benvindos, pois, irmãos nossos!

Usaram da palavra os srs. Domingos Ribeiro, desta cidade, Monteiro dos Santos e António Teixeira, do Pôrto, que agradeceram as manifestações de carinho com que Guimarãis os recebeu.

Por entre aplausos foi colocado, em seguida, um laço de sêda no estandarte dos «Mangericos» retribuíndo êstes com lindos laços que foram colocados nos estandartes dos grupos recreativos e associações de Guimarãis.

Os excursionistas foram em seguida à Corporação dos Bombeiros Voluntários, colocando uma fita no estandarte de tão briosa Corporação.

Realizaram depois um pic-nic que decorreu no meio da maior alegria e da mais franca solidariedade e visitaram os monumentos e Estâncias de Guimarãis.

Já à noite vieram os excursionistas à nossa redacção, saüdar o «Notícias de Guimarãis», deferência esta que muito nos sensibilizou.

Vinham acompanhados de alguns vimaranenses, homens humildes, honestos trabalhadores, incansáveis pioneiros, gente amiga que nesta casa onde há sempre um acolhimento franco, sincero, desinteressado, é sempre recebida de braços abertos. Recebemo-los com prazer e aqui agradecemos a sua lembrança.

Pediram-nos para em seu nome e nestas colunas agradecermos ao bom povo de Guimarãis o acolhimento que lhes dispensou. Registamos com prazer a sua petição e com o mesmo prazer cumprimos, assim, o compromisso tomado.

Do Concelho

Briteiros, 5.

A VI Volta a Portugal

Ontem, pelas 6 h. da tarde, começaram a passar, em Briteiros, os primeiros Corredores, antecedidos por alguns carros da caravana e seguidos por outros, evolucionando, nessa altura, sôbre o local da meta, o avião *Aguia-Branca*, que tirou fotografias.

A nosso convite, perto de 2.000 (duas mil) pessoas acorreram ao local da meta por nós estabelecida e ovacionaram, delirantemente, todos os corredores, sem distinção de clubs, dando-lhes palmas e vivas, e incitando-os, à sua passagem pela meta.

Para que a manifestação revestisse o cunho que era devido, ainda a nosso convite, encerraram, de tarde, todos os trabalhos, não só nas três freguesias de Briteiros, mas em muitas freguesias limítrofes.

Aqui, em Briteiros, foram estabelecidos 4 prémios a oferecer aos Corredores.

C.

S. Torcato, 3

Na qualidade de correspondente de S. Torcato para o "Notícias de Guimarãis,, fiz publicar no n.º 187 dêste jornal, na secção "Do Concelho,, e em carta desta povoação, uma notícia àcêrca do roubo duma mala e alguns objectos.

Melhor informado, agora, cumpre-me declarar que os factos relatados não representam a expressão da verdade, quer no que respeita à Polícia de Segurança Pública, a quem atribuímos responsabilidades que lhe não cabem, quer mesmo contra o servo do Santuário.

Lamentamos que as primeiras e erradas informações tivessem dado origem ao nosso reparo e para esclarecimento público aqui deixamos a devida rectificação.

— Feita esta rectificação *Rampal* apresenta as suas despedidas aos seus leitores, por deixar, voluntàriamente, de exercer as funções em que fôra investido, e agradece ao sr. Director do *Notícias de Guimarãis* tôdas as atenções e penhorantes gentilezas com que sempre o distinguiu.

Rampal.

Declaração

Eu abaixo assinado José da Silva, caiador, solteiro, de 22 anos de idade, residente no Largo da Rèpública do Brasil, desta cidade, declaro serem caluniosas as desprimorosas afirmações que fiz perante algumas pessoas desta cidade sôbre o sr. João Ferreira Rodrigues, empregado da Agência do Banco de Portugal, e constantes duma carta anónima escrita pelo meu próprio punho e dirigida ao referido sr. João Ferreira Rodrigues, motivo porque faço esta declaração de desagravo às injustas ofensas feitas à dignidade daquele senhor.

Guimarãis, 5/9/935.

José da Silva.

(Segue-se o reconhecimento).

Bôlsa de Mercadorias do Pôrto

Aos Agricultores

Está a funcionar a Bôlsa de Mercadorias do Pôrto, organismo criado especialmente pelo Govêrno com o fim de facilitar aos agricultores a colocação dos seus produtos na Praça do Pôrto.

Assim teem os agricultores na Bôlsa de Mercadorias do Pôrto o local oficial e próprio para efectuar as suas vendas aos melhores preços do mercado, com tôda a segurança e mediante o pagamento de taxas bastante reduzidas.

Como os negócios são efectuados por intermédio de corretores e por amostras, não teem necessidade de se deslocar ao Pôrto nem de mandar para aqui os produtos, sendo apenas necessário enviar amostras e indicar:

— quantidade,
— preço mínimo de venda,
— local onde a mercadoria se encontra,
— estação do caminho de ferro mais próxima a utilizar,
— prazos de entrega e pagamento.

As garantias dadas pelo Estado às operações da Bôlsa constituem um motivo forte para os agricultores venderem de preferência os seus produtos na Bôlsa de Mercadorias do Pôrto.

Tôdas as informações sôbre o modo como funcionam os serviços de Bôlsa podem ser pedidas à secretaria da Bôlsa de Mercadorias do Pôrto (Palácio da Bôlsa — Pôrto).

Leilão de Penhores

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência
Casa de Crédito Popular
Agência N.º 69 — Guimarãis

Avisam-se os mutuários que a partir do dia 14 do próximo mês de Outubro, se procederá à venda em leilão dos penhores que caucionam os empréstimos efectuados que tenham um atrazo de juros de mais de 3 mêses.

A Agência receberá juros em divida até aquela data.

Repartição da Casa de Crédito Popular, 31 de Agôsto de 1935.

O Director de Serviços,

a) *Francisco Cordeiro.*

Atenção!...

Pessoa devidamente habilitada, leciona das 8 às 10 horas da noite, instrução primária e os primeiros anos do Liceu, tanto a crianças como a pessoas adultas.

Não esqueçam o tempo perigoso das férias.

Preços populares.

Informem-se nesta redacção ou na R. Dr. Joaquim de Meira, 225.

Pintura cenográfica e decorativa.
Pintura sôbre tecidos e vidro.
Desenhos à pena, etc.

Joaquim Teixeira
Guimarãis.

Empregado de escritório. Precisa-se. Nesta redacção se informa.

AGENTE NO PORTO

Vimaranense ali residente há muitos anos e com muitas e boas relações comerciais, oferece os seus serviços como comissionista, para qualquer ramo de comércio ou indústria. Para informações nesta Cidade dirigir-se a Cap. Duarte Fraga.

EXUMAÇÕES DO PASSADO

(Quadros sinópticos da História Vimaranense)

A colegiada e os seus privilégios régios e pontifícios

II

O Mestre de Aviz prostrado venerente perante o altar da Virgem, diz-lhe: *Senhora, eu vos peço a grande mercê assim como Vós ao dito Rei Afonso Henriques forte princípio dêste Reino, sejais a mim, vosso devoto, defensam dele. Senhora, Vós mas destes, vós as tomay e guarday.*

Porém ganha a batalha, torna a terceira vez a Guimarãis. Vem, a pé, como um peregrino, embora acompanhado por mais de uma centena de nobres cavaleiros.

Chega junto do altar da Padroeira, ajoelha e entrega-Lhe as dádivas que nos despojos tomados na batalha, Lhe reservara: o pelote com que entrara na peleja, um rico oratório de prata lavrada, um anjo grande do mesmo metal dourado, um veu de cálix tecido em seda e ouro, no qual se via um artístico desenho, representando o rei e a raínha, de Castela, jogando o xadrez e um grande e rico pano, espécie de cobrejão, com as armas de aqueles réis bordadas ao centro, tudo isto Lhe dedica com as seguintes palavras: "Senhora eu confesso e quero que todos saibam que ou sòmente por nossa virtude venci esta batalha e que no ponto e hora em que estava para nela entrar dey um mui grande espirro o qual ouvi e tomey por mui grande agoiro pelo qual cessei por entonces um pedasso de mover para ela, no qual espaço me deitei de brussos e não sei se dormindo, se acordado; porém posto em mui grande pensamento e agonia sei em visão aqui esta vossa casa tal que ainda agora vejo com a aquela oliveira e veyo me do entendimento que eu por exemplo do primeiro Rey me devia encomendar a Vós e haver por tomadas minhas armas da vossa mão pelo qual eu logo voltey e prometi de fazer, o que agora faço, dizendo-vos a minha oração,,.

A prata que êste rei ofereceu — dizem os livros — pesava mais de 700 marcos.

D. João I nunca tomou parte em qualquer batalha sem antes de mais nada, encomendar-se à protecção de N. Senhora.

Assim, regressando da conquita de Ceuta dirigiu-se logo em piedosa romagem a esta colegiada pela 4.ª vez, para oferecer à sua Padroeira mais dádivas, falando-Lhe nos termos seguintes (códice 1535): "Senhora, vossa mercê me perdôe porque eu não vos vim visitar antes que para Ceuta parti, segundo hera posto na minha vontade e por que hé caso porque isto foi o não porém eu confesso e quero que todos saibam que todos os meus bens e honras me procedem das vossas virtudes e sabe de que em todos os anos que ao mundo vem hei feita em ela por todos os beneficiados e cónegos e clérigos coreiros com o povo da dita vila em véspera de Santa Maria de Agôsto em memória da dita batalha se faça a mais devota e solene procissão que se faz em todos os ditos Reinos,,.

III

Por isto que temos dito e pelo mais que ainda diremos, não se pode contestar que o Mestre de Aviz nunca deixou de tributar a Vírgem as mais altas provas de amor e reconhecimento.

Como em 1387 visse que o seu templo se encontrava muito arruínado, mandou-o reedificar à *fundamentes*, ampliando-o e tornando-o mais sumptuoso, de cuja obra foi arquitecto João Garcia, de Toledo, mestre pedreiro e vedor das obras reais no tempo do rei D. Fernanda e que era casado com Constança Anes, da qual estava, viúvo em 1431.

Afirma-se que D. João I ficara muito pezaroso e descontente por a obra realizada não ser de harmonia com os seus desejos de magnificência, pois queria-a tão imponente, como a da Batalha, por também ser dedicada a N. Senhora.

Porém ainda assim ficou uma construção muito primorosa, tanto na sua frontaria como no interior, onde havia riqueza de decorações e atavios. No frontespício — diz-nos um escritor — via-se um grande espelho, e aos lados avultavam janelas rasgadas guarnecidas de excelentes pinturas que representando imagens formosas, ostentando-se ao centro o escudo das armas do rei e da raínha sua espôsa D. Filipa de Leucastre, entre dois anjos sobrepujados pela coroa real sustentada por um serafim. A sua sagração e inauguração revestiram grande e desusada solenidade, actos celebrados pelo bispo de Coimbra, autorizado pelo arcebispo-Primaz, de Braga D. Martinho Miranda com a assistência de D. João Manrique, arcebispo de S. Tiago de Compostela, D. Rodrigo, bispo de Ciudad Roderico, el-rei, a raínha, os seus três filhos: D. Duarte, depois rei, D. Pedro, depois regente na menoridade do seu sobrinho D. Afonso, 5.º rei do nome, e D. Henrique, o iniciador dos descobrimentos marítimos. Em 23 de Janeiro de 1400, o dia em que se efectuou esta brilhante cerimónia.

Com a acção dos tempos foi-se corroendo e danificando esta construção de forma que, com as diversas obras de reparações, verdadeiras mutilações, ficou transformada no estado em que hoje a vemos.

Porém o restante da igreja, que costuma chamar-se o *corpo da igreja*, só recebeu a sagração no ano seguinte, dada pelo bispo do Pôrto. A tôrre começou a construír-se em 1515.

Em 1620 o bispo inquisidor D. Prior da colegiada, achando-se em Lisboa, escreveu ao Cabido, dizendo-lhe que havia de informar-se sôbre o seu pedido de mais terreno, além do já concedido, para a sacristia, por ser pertencente ao seu paço e não querer prejudicar seus sucessores. Isto dá-nos a entender que naquele ano se tratou da construção ou talvez ampliação da sacristia.

(Continua)

P.e Alberto Gonçalves.